

de Macedo (1761-1831) – a quem dirigiu o implacável poema «Pena de Talião» – levaram-no ao afastamento do grupo e a zurzir os respetivos membros.

Imbuído do espírito coevo, cantaria a Liberdade e o anticlericalismo. Acabaria acusado de herético e dissoluto de costumes, sendo preso por ordem de Pina Manique (1733-1805). Seria «reeducado», em convívio com os frades de S. Bento e os oratorianos do Hospício das Necessidades.

Minado por um aneurisma, morreu com apenas 40 anos de idade e mais de 20 de genebra e noitadas, para parafrasearmos Vitorino Nemésio (1901-1978). Entre o repentismo e a ponderação, sempre irreverente e genial, foi homem do seu tempo, «preso», ainda, a convencionalismos depois superados numa ousadia que o próprio antecipou num sonho de Liberdade ansiada. Bocage foi, conforme assinalou Alexandre Herculano (1810-1877) «precursor da nova literatura feita para a praça pública e não para os salões». Viveu tão intensamente o seu tempo que em volumosíssima obra, como poeta e tradutor, deixou marca indelével nas letras portuguesas. Marca que persiste até aos dias de hoje e que, sendo nós merecedores do seu legado, perdurará. **[CM]**



FONTE: O SETUBALENSE, 26/7/1930  
HEMEROTECA DA BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL  
DE SETÚBAL



**Carlos Botelho Moniz**  
(08/05/1896 – 04/05/1952)

## O Homem que fez tudo

Na primeira reunião da Câmara Municipal depois do golpe militar de 28 de maio, realizada em 9 de junho, o vereador Carlos Botelho Moniz propôs, e foi aprovado por unanimidade, que se enviasse um telegrama, que ele próprio redigiu, «de saudação ao Presidente do Ministério, fazendo votos que com o

último movimento revolucionário triunfante se inicie uma época de progresso para o nosso país».

Botelho Moniz será, também, o primeiro presidente da Câmara Municipal depois da instauração da Ditadura Militar, tendo sido um dos vereadores que já se tinha destacado na gestão da última Câmara setubalense do republicanismo. Aquando desta eleição, Botelho Moniz fora já, entusiasticamente, apoiado pela Associação Comercial e Industrial, tendo sido apresentado como «um rapaz promissor, apolítico, que será a garantia de uma boa governação».

A profecia cumpriu-se. Botelho Moniz, poucos dias após o golpe militar, pede umas convenientes férias de um mês da Câmara para se poder colocar numa aparente e maior neutralidade. Perfilavam-se já novas funções, numa posição reforçada.

Identificado com os ideais do fascismo crescente, Botelho Moniz vai enaltecer o Governo da Ditadura. Várias figuras gradas, institucionais, visitarão Setúbal, desde ministros, ao presidente do Conselho, passando ainda pelo presidente da República.

O cume da sua presidência é atingido com a Exposição Regional de Setúbal de 1930. A sua governação ficará associada a outros grandes projetos. Aposta no turismo, atividade na qual deposita as maiores esperanças. Incentiva, ainda, o projeto do novo porto de Setúbal. Várias obras públicas serão levadas por diante: introduz a luz elétrica; melhora a rede viária; desenvolve as comunicações telefónicas.

Perceciona o princípio do fim da indústria conserveira. A SAPEC será encarada como uma nova indústria a proteger, o que levantará um coro de apreensões e críticas por parte dos industriais das conservas, que temem a concorrência salarial e de condições de trabalho que a nova indústria poderia proporcionar.

Com grande habilidade política, vai conseguir gerir os conturbados tempos destes primeiros anos da Ditadura Militar. Programou o período da sua governação com grande sagacidade política, irá, igualmente, planear o fim do seu consulado com grande argúcia, escolhendo, de forma cirúrgica, o melhor momento para se afastar. Aproveitará o êxito e o grande impacto mediático, a nível regional, e mesmo nacional, que a Exposição Regional de Setúbal tinha tido.

Com um dos mais expressivos panegíricos ao ex-presidente, o jornalista Óscar Paxeco lavrará a primeira página d'*O Setubalense*, de 26 de julho de 1930, com o eloquente título «Uma homenagem – O Homem que fez tudo». **[AAC]**